

# **O TRABALHO DE CAMPO E A FORMAÇÃO DO GEÓGRAFO E DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.**

João Filadelfo de Carvalho Neto<sup>1</sup>; Pedro Costa Guedes Vianna<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluno da Pós-Graduação em Engenharia Urbana, joaofiladelfo@bol.com.br,

<sup>2</sup>Professor Dr., DGEO/CCEN/UFPB, pedro@ccen.ufpb.br

## **EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

**Sub-Eixo:** Políticas Educacionais

**RESUMO:** Este Trabalho tem como objetivo principal, mostrar que a concretização de atividades acadêmicas no campo, através do trabalho de campo, esta diretamente relacionada à formação do Geógrafo e do Professor de Geografia, fundamentando o desenvolvimento da observação e da análise dos espaços. Cada ciência, dentro de seu campo, busca enxergar os aspectos dos lugares com o objetivo de entender sob seu ponto de vista, as complexidades e contradições do seu campo de investigação. É de grande valia evidenciar o trabalho de campo na Geografia, concretizando-o como instrumento fundamental de leitura e registro do espaço, no qual se descobre o entorno e se estabelece a relação entre o conhecimento e a sistematização de seu significado, catalogado através de um processo dinâmico, didático e dialético para o entendimento da realidade. Sabendo que as atividades acadêmicas de campo não são exclusividade de ciência alguma, mas com grande frequência feitas pelo geógrafo, a investigação e a compreensão da realidade requerem também o apoio de outras áreas que compartilham preocupações em torno da temática, o que leva a reflexão do paradigma reducionista, no qual estudos isolados dentro de uma única ciência fragmentam e descontextualizam o conhecimento. Na escolha metodológica das técnicas e procedimentos utilizados para aprofundar o conhecimento nas ciências naturais e humanas, percebe-se que o território a ser observado é palco de todas as inter-relações que se pretende analisar. Para tanto, quanto mais adequados e objetivos forem os métodos utilizados nos trabalhos de campo, mais rápido e de forma mais correta se obtém uma resposta aos objetivos formulados; de acordo com as disponibilidades e comportamentos naturais do meio. Assim a Geografia destes novos tempos deve preocupar-se não somente com uma área ou outra, mas sim com a totalidade. Portanto, este trabalho projetou mostrar a importância de como as atividades de campo estão diretamente ligadas à formação do Geógrafo e do Professor de Geografia, aproveitando a anomalia pluviométrica ocorrida no verão de 2004. Então fomentar e dar a devida importância aos estudos e os registros de fatos naturais através de um banco de imagens, vídeo, e ou áudio, é fazer uso destas ferramentas de consulta e formação, que podem ser utilizadas e disponibilizadas para uso do geógrafo, do professor de Geografia, da comunidade acadêmica e à sociedade em geral. Então, entende-se que para ser um bom profissional de Geografia, é preciso optar por ser observador e participante dos processos naturais e sociais; trabalhando na perspectiva do aprender a aprender sempre.

**Palavras-chave:** TRABALHO DE CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL, GEOGRAFO.

**Tipo de Trabalho:**

## 1 - INTRODUÇÃO

Inicialmente, é preciso entender que o processo de coleta, análise e produção da informação estabelece ações que visam interpretar, analisar e ao menos tentar transformar algumas realidades. É de suma importância mostrar que a concretização de atividades acadêmicas externas à sala de aula, através do trabalho de campo, estão diretamente relacionadas à formação do Geógrafo e do Professor de Geografia, fundamentando o desenvolvimento da observação e da análise dos espaços.

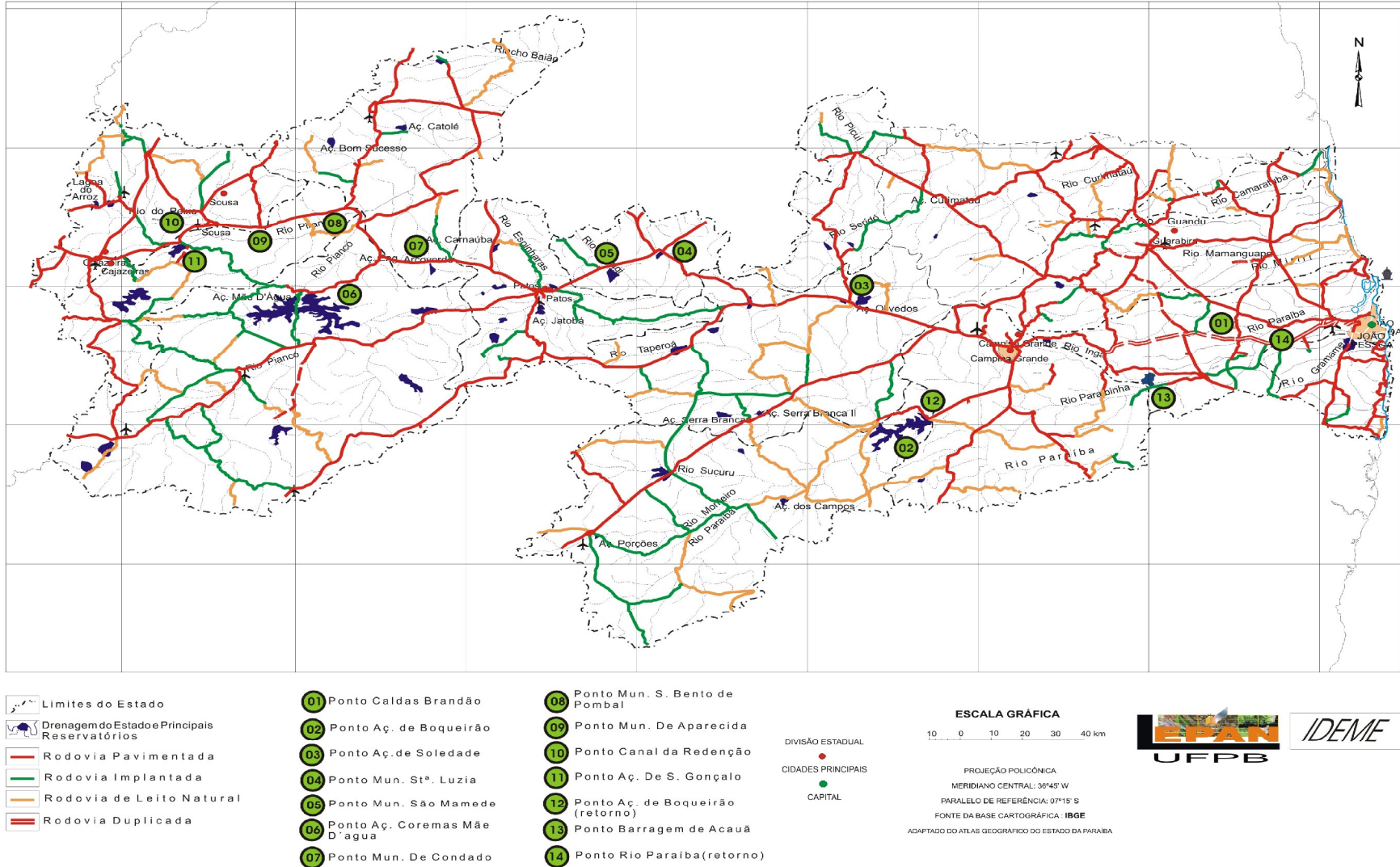
Para uma compreensão mais didática deste tema, foi associado à realização de uma atividade de campo posta em prática entre os dias 06 a 10 de fevereiro de 2004, a qual teve o objetivo de relembrar à comunidade geográfica a importância da realização do Trabalho de Campo e do Registro de Fatos Anômalos. Buscou-se naquela época também, a construção e manutenção de acervos informacionais, especialmente o fotográfico, para a geografia assim como para as demais ciências. Naquele caso especificamente, tinha-se o objetivo primário direcionado ao **Registro e Estudo Inicial do impacto das Cheias Anômalas na Paraíba em janeiro e fevereiro de 2004**.

Porem, a observação e o registro daquele evento tornou evidente que as experiências práticas e externas a ambiência da sala aula, enriquecem de forma exponencial a formação do Geógrafo e do Professor de Geografia, mostrando assim que se abrem inúmeras possibilidades de aproveitamento da experiência em si e do material coletado e produzido nela. O grupo na época, foi composto por uma equipe de Docentes e Discentes do **Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba**, a fim de percorrer os principais pontos impacto das cheias no Estado, tendo como vetor principal de rota a BR-230, que corta a Paraíba no sentido Leste-Oeste.

Para melhor compreender o itinerário, confeccionou-se um mapa (**Mapa 1**) traçando sobre ele, a rota de forma primária. Introdutoriamente, entende-se que no mínimo esta atividade aplicada em uma sala de aula após a realização da viagem, facilita e auxilia a compreensão do espaço e ajuda os alunos a mitigar as dificuldades de abstração espacial. Com certeza esta é uma das principais barreiras enfrentadas na alfabetização cartográfica dos estudantes e da população em geral.

(Mapa 1 - Roteiro da Expedição no Estado da Paraíba)

# ROTEIRO DA EXPEDIÇÃO



## 2 - LOCALIZAÇÃO E ROTEIRO DO TRABALHO DE CAMPO

A área escolhida localiza-se na Região Nordeste de Brasil no Estado da Paraíba, onde foi realizada a atividade e os estudos para a elaboração deste trabalho. Aborda-se neste tópico de forma introdutória os aspectos Geográficos, Econômicos, de Infra-Estrutura e Culturais, com representações espaciais nos mapas de Mesorregiões (**Mapa 2**) e Microrregiões Geográficas (**Mapa 3**) em anexos.

A Paraíba representa um percentual 0,66% do território nacional, e 3,63% da área da região Nordeste. Geograficamente o estado da Paraíba localiza-se entre 6 e 8 graus de latitude Sul e entre 34 e 38 graus de longitude oeste, no litoral oriental do Nordeste e limita-se com os estados do Rio Grande do Norte, a norte; Pernambuco, a sul; Ceará, a oeste; e a leste, onde está situado o ponto mais oriental das Américas (Ponta do Seixas), com o Oceano Atlântico. O estado tem uma área de 56.584 Km<sup>2</sup>, dos quais 48.502 Km<sup>2</sup> (86%) estão situados no semi-árido; distribuindo-se em vinte e três Microrregiões, quatro Mesorregiões, doze regiões geoadministrativas, com duzentos e vinte e três municípios, sua extensão territorial no sentido Norte/Sul atinge 253 km e no sentido Leste/Oeste 443 km.

A Paraíba possui uma extensão litorânea de 138 km de belas costas, o que representa um potencial turístico considerável. Sua altitude máxima é 1.197m no parque estadual do Pico do Jabre.

Apresenta, em linhas gerais, uma composição climática heterogênea. Segundo a classificação de *Koppen*: **Quente e úmido** com chuvas de outono e inverno, **Semi-árido quente** com chuva de verão e **Úmido** com chuvas de verão e outono. As temperaturas variam de médias anuais de 22° C a 28° C, com pluviosidade média anual estimada na mínima entre 200 e 400 mm/a e na máxima de 2.200 a 2.400 mm/a.

A caracterização geomorfológica do estado, **CARVALHO (1982, p. 15)** salienta que: “*essa classificação procura relacionar em suas linhas gerais, as formas de Relevo com a Geologia e o Clima*”. Esta classificação é didática e objetiva, e divide a Paraíba em dois setores; o **SETOR ORIENTAL ÚMIDO E SUB-ÚMIDO** e o **SETOR OCIDENTAL SUB-ÚMIDO E SEMI-ÁRIDO**. Desta forma, facilita a compreensão da organização espacial Geomorfológica do Estado, pois toma como linha divisória a Frente Oriental do Maciço da Borborema, limitada ao Sul pela calha do Rio Paraíba e ao Norte pelas primeiras curvas de nível que evidenciam o Vale do Rio Curimataú, mostrando com

clareza as áreas cristalinas e sedimentares, as quais possuem formas do relevo e formação geológicas distintas.

Quanto aos aspectos populacionais, apresenta os seguintes dados: população total de 3.443.825 habitantes, sendo a população urbana de 2.447.212 (71%) e a rural de 996.613, resultando assim em uma Densidade demográfica de 61,12 hab/Km<sup>2</sup>, dados estes do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano de 2000.

De forma resumida, no tocante aos aspectos econômicos, João Pessoa e Campina Grande concentram boa parte da economia da paraibana, baseada na indústria do couro, no turismo e na agropecuária. O estado é o terceiro produtor de calçados do país, possui mais de 70 empresas fabricantes de artigos de couro e mais de 500 microindústrias, originárias de oficinas de fundo de quintal. O complexo industrial coureiro-calçadista compete hoje nos mercados nacional e internacional. A produção é de cerca de 14 milhões de pares de calçados/ano (MRE BRASIL, 2005). Na agricultura, apresenta uma produção agrícola baseada no cultivo de abacaxi, cana-de-açúcar, algodão e feijão e em sua produção agropecuária, apresenta rebanhos bovinos, ovinos, suínos e caprinos (IBGE, 2000).

Dados do IBGE relativos ao ano de 2002 e 2003, divulgados recentemente constataam o crescimento do PIB no estado. A estimativa prevista nas contas regionais registrou o Produto Interno Bruto em 13 bilhões e 711 milhões. Em 2002, a renda média do paraibano era de R\$ 3.311, em 2003 passou para R\$ 3.872 (SECOM/PB, 2005).

Em meados do século XVI, colonos portugueses vindos de Pernambuco fundaram, junto à foz do rio Paraíba, a vila de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa. Logo teve início o cultivo da cana-de-açúcar, que levou portugueses, franceses e holandeses a disputarem o território. (MRE – BRASIL, 2005)

No interior, a 120 quilômetros de João Pessoa, Campina Grande, segunda cidade em população do estado, tem o maior parque industrial do estado, e usa a festa de São João para atrair mais de 400.000 pessoas, sendo sua população pouco mais de 300.000 habitantes.

## **2.1 – O APRENDIZADO CARTOGRÁFICO E A CARACTERIZAÇÃO DAS MICRORREGIÕES VISITADAS.**

Conforme a prática do ensino da Cartografia em sala de aula, pode-se perceber a presença de características que precisam ser melhor conduzidas quanto à formação e alfabetização Cartográfica do Profissional em Geografia. Enquanto Arte ou ciência de compor cartas geográficas a Cartografia pode ser utilizada em suas inúmeras aplicações. Como mecanismo de compreensão espacial e ferramenta didática, ela também serve para planejar procedimentos pedagógicos e didáticos que auxiliem na superação das limitações que os alunos possam ter quanto a sua compreensão. Assim é preciso aproveitar didática e pedagogicamente as oportunidades palpáveis e acessíveis e relacioná-los ao ensino dos conteúdos da sala de aula.

Partindo desta lógica, foi feito após o retorno do campo um levantamento bibliográfico e em seguida a caracterização das microrregiões segundo a ordem de visita das localidades por onde passou nossa expedição. As informações transcritas nos parágrafos seguintes são um apanhado do conteúdo disponibilizado na obra “*Mesorregiões e Microrregiões da Paraíba – Delimitação e Caracterização*” de autoria da Professora Emilia de Rodat F. Moreira, publicada em 1989 pelo GAPLAN/PB (Gabinete do Planejamento e Ação Governamental). Que foram atualizadas por dados disponibilizados pelo Governo do Estado da Paraíba através do IDEME e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

### **2.1.1 - A Microrregião de João Pessoa**

Localizada na porção central da Mesorregião da Mata Paraibana. Esta Mesorregião compreende além dessa, as Microrregiões do Litoral Norte e de Sapé e do Litoral Sul. Esta Microrregião abrange 1.262,316 Km<sup>2</sup> no território Mesorregional. O aglomerado urbano de João Pessoa é um esboço de uma área metropolitana composta pelos municípios de Bayeux, Cabedelo e Santa Rita, que já se encontram inteiramente integrados ao centro regional de João Pessoa. Outros como, Conde (ao Sul) e Lucena (ao Norte) estão em processo acelerado de integração, seja através da expansão do distrito industrial de João Pessoa (caso do Conde), seja pela intensificação das vias marítimas (caso de Lucena, hoje, com a presença do “*Ferry-boat*”) reforçando o acesso ao litoral norte.

Os elementos ligados à dinâmica urbana imprimem um caráter de homogeneidade a este espaço. É a Microrregião onde ocorre uma maior concentração de unidades produtivas industriais e de serviços. Verifica-se aqui um processo de comutação, sendo João Pessoa o núcleo polarizador.

A organização do espaço rural é comandada pela atividade açucareira, sobretudo nos municípios de Santa Rita e Lucena, esta é uma cultura tradicional no primeiro e de história recente no segundo. Aqui, ao lado da cana, destacam-se a pesca e a produção de coco-de-praia. No Conde, a cana-de-açúcar, a fruticultura, a produção de subsistência e, mais recentemente, o inhame e o bambu (para celulose) partilham o espaço, ao lado da atividade pecuária praticada em pequenas propriedades. A atividade agrícola é muito pouco desenvolvida nos demais municípios.

Em João Pessoa e Bayeux, distinguem-se a produção de hortigranjeiros e, especialmente no primeiro município, a pecuária leiteira e de gado de corte.

Esta microrregião abrange a porção central da baixada litorânea e dos tabuleiros paraibanos e um trecho importante da várzea do baixo Paraíba do Norte.

### **2.1.2 - A Microrregião de Itabaiana**

Esta Microrregião está inserida na Mesorregião do Agreste Paraibano que é composta ainda pelas Microrregiões de Cuité, de Esperança, de Araruna, de Umbuzeiro, de Guarabira e de Campina Grande. Esta região abrange 1.652,197 Km<sup>2</sup> no território Mesorregional. Microrregião composta pelos municípios de Caldas Brandão, Gurinhém, Ingá, Itabaiana, Itaúba, Juarez Távora, Mogeiro, Riachão do Bacamarte e Salgado de São Félix. Localiza-se predominantemente na porção meridional do Agreste Baixo da Paraíba. Até 1970, caracterizava-se, do ponto de vista da estrutura produtiva, como uma área voltada para a produção do algodão herbáceo e de uma policultura alimentar tradicional (mandioca, feijão e milho, principalmente), complementada por uma pecuária extensiva voltada para a produção de carne e de leite. Os arrendatários constituíam a categoria de produtores rurais de maior significado ao lado dos proprietários. Recentemente, importantes mudanças são observadas na estrutura da produção desta região, decorrentes de um lado, da retração da atividade cotonicultura em função da praga do Bicudo, e de outro, da expansão da cana e, sobretudo, da pecuária.

A cultura da cana alcançou entre 1975 e 1985, os municípios de Itabaiana e Gurinhém, onde substituiu tanto a lavoura comercial (algodão herbáceo) como a policultura alimentar. Atualmente, porém, a cana de açúcar já se acha praticamente desaparecida em Gurinhém, e parou de se expandir em Itabaiana. Em contrapartida, é a pecuária melhorada (em especial, a pecuária de corte) que vem comandando a organização do espaço regional. O crescimento da área de pastagem artificial, em 331,3% entre 1970 e

1980, e o aumento do número de bovinos corresponde a 23.841 cabeças, no mesmo período (o que representa um crescimento relativo de 33,3%) apenas anunciavam a nova dinâmica hoje assumida pela organização do espaço rural desta microrregião.

Esta compreende também profundas mudanças nas relações de trabalho, decorrentes sobretudo do avanço do trabalho assalariado temporário o qual apresentou um crescimento relativo de 112,2% entre 1970 e 1980.

### **2.1.3 - A Microrregião de Cuité**

Também localizada na Mesorregião do Agreste Paraibano, a Microrregião abrange 3.878,476 Km<sup>2</sup> no território Mesorregional. A Microrregião é constituída pelos municípios de Algodão de Jandaia, Arara, Barra de Santa Rosa, Cuité, Damião, Nova Floresta, Olivedos, Pocinhos, Remígio, Soledade, Sossego e Cubati. Até 1970, o algodão arbóreo e o sisal partilhavam o espaço agrário desta região, conferindo-lhe um caráter de área consagrada à policultura industrial e à criação extensiva de gado (atividade esta praticada como complementar da agricultura). Nos dias atuais, o que se verifica é desaparecimento quase total do algodão (em decorrência da praga do Bicudo) e o crescimento do sisal. Este passou a se constituir no produto agrícola de maior peso para a economia regional, esta é razão de identificação da área como a região sisaleira do estado. Ao lado desta produção, desenvolve-se, principalmente nos trechos mais úmidos da serra do Cuité, em Remígio e em Pocinhos, uma atividade de policultura alimentar, complementada com a criação extensiva de gado. Esta Microrregião compõe-se de parte da região serrana do Norte (serra do Cuité), pela depressão do Curimataú e pela da escarpa oriental da Borborema.

### **2.1.4 - A Microrregião do Seridó Ocidental**

Pertencente a Mesorregião da Borborema (que é composta ainda pelas Microrregiões de Monteiro, de Cabaceiras e do Seridó Oriental) abrange 1.738,436 Km<sup>2</sup> no território Mesorregional. A microrregião é constituída pelos municípios de: Junco do Seridó, Salgadinho, Santa Luzia, São José do Sabugi, São Mamede e Várzea; e corresponde à porção ocidental do Seridó Paraibano. O Seridó Oriental, distingue-se por se constituir numa área tradicionalmente consagrada à produção mineral. Todavia, aqui, é a sheelita e o caulim que apresentam uma maior concentração e um maior peso econômico. O caulim é explorado em garimpos no município de Junco do Seridó, de onde advém quase toda a produção estadual. A exploração de sheelita foi muito desenvolvida durante a



segunda Guerra Mundial, hoje são inúmeros os campos existentes na área. Tal como no Seridó Oriental, estes campos ganham vida, sobretudo nas estações secas e durante os períodos de estiagem prolongada. Eles constituem uma alternativa de trabalho, principalmente para o pequeno proprietário, e para os produtores rurais sem terra, sobretudo quando as condições naturais criam obstáculos ao desenvolvimento da atividade agrícola, que é voltada, sobretudo para a produção do algodão mocó (cultivado em associação com o milho e o feijão) e a criação extensiva de gado.

### **2.1.5 - A Microrregião de Piancó**

Está localizada na Mesorregião do Sertão Paraibano, que é composta também pelas Microrregiões de: Catolé do Rocha, de Sousa, de Itaporanga, da Serra do Teixeira e de Patos. Esta região compreende uma área de 3.285,713 Km<sup>2</sup>, composta pelos municípios de: Aguiar, Catingueira, Coremas, Emas, Igaracy, Nova Olinda, Olho D'água, Piancó e Santana dos Garrotes. Situa-se na porção do pediplano sertanejo, na bacia do rio Piancó. Era uma área consagrada tradicionalmente à produção do algodão arbóreo associado a policultura alimentar (sobretudo o feijão e o milho) e à pecuária extensiva de grande porte e médio porte, voltada principalmente para a produção de leite. Atualmente, o algodão arbóreo perdeu a hegemonia no quadro da produção agrícola regional. Ao seu lado; e contribuindo também de modo significativo na economia regional acha-se o algodão herbáceo. O arroz é um produto que também tem apresentado um crescimento econômico importante nos últimos anos. Ao lado destas mudanças observadas no uso do solo, vem ocorrendo também na região uma reversão de tendências na pecuária em função do incremento dos animais de grande porte.

Nesta Microrregião estão localizados os importantes açudes geminados de Estêvam Marinho (Coremas) e Mãe D'Água, construídos no segmento de Piancó para onde convergem seus mais importantes fornecedores. Eles abrangem os municípios de Coremas e Piancó e sua principal função não é a de manter o perímetro irrigado, mas a de perenizar os rios Piancó e Piranhas “*a fim de gerar condições favoráveis a uma linha de agricultura ribeirinha ao longo do seu grande curso*”. (Moreira apud Id. Ibid. p. 41, 1989). A Região de Piancó destaca-se pela sua importância no processo histórico de ocupação do espaço sertanejo tendo os vales do Piancó e do Piranhas desempenhado importante papel não só como vias de penetração como também por servirem de palco para a instalação das primeiras fazendas de gado no Sertão .

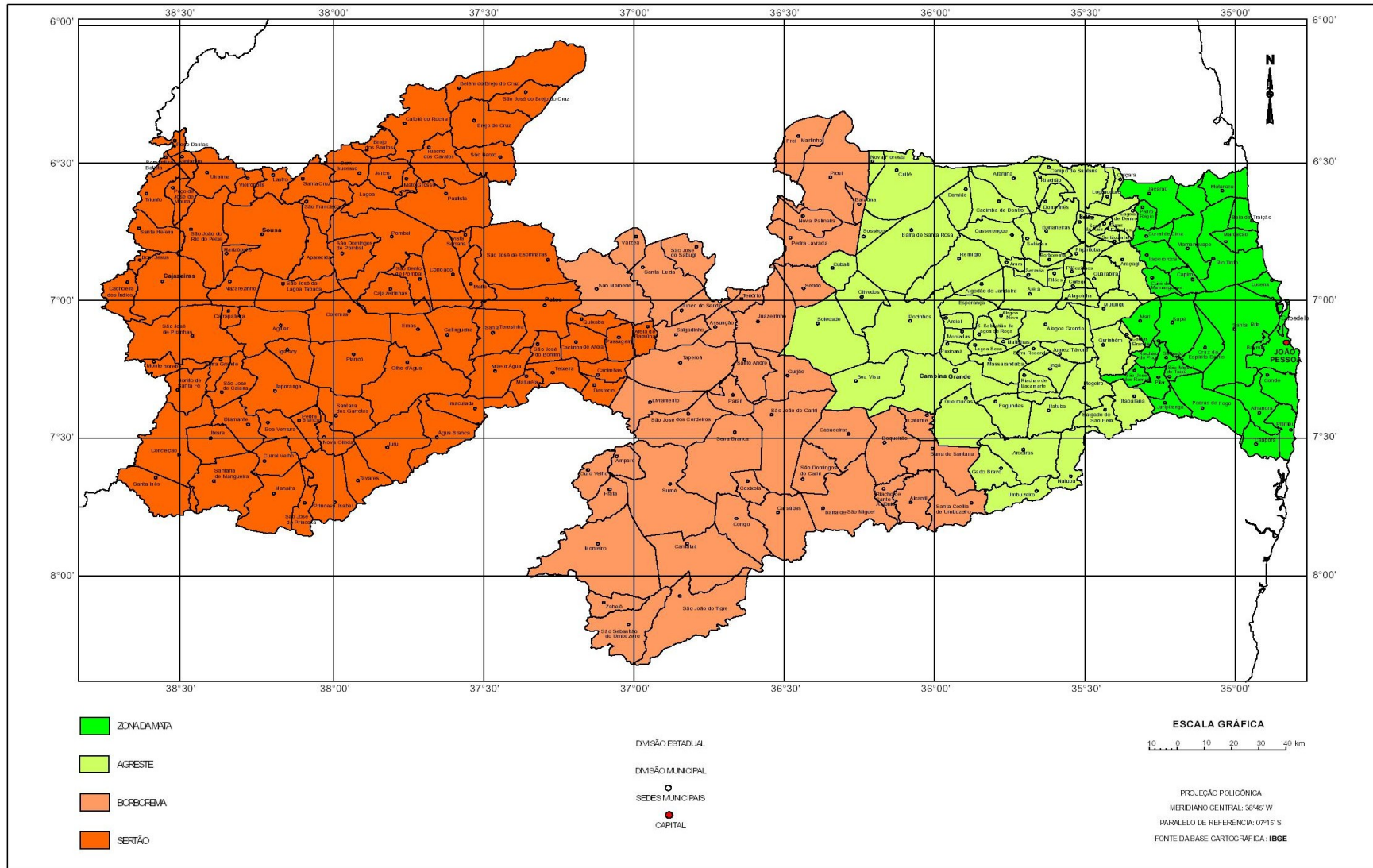
### **2.1.6 - A Microrregião de Sousa**

Esta Microrregião também está inserida na Mesorregião do Sertão Paraibano e abrange 4.784,729 Km<sup>2</sup> no território Mesorregional. Composta pelos municípios de: Aparecida, Cajazeirinhas, Condado, Lastro, Malta, Marizópolis, Nazarezinho, Paulista, Pombal, Santa Cruz, São Bentinho de Pombal, São Domingos de Pombal, São Francisco, São José da Lagoa Tapada, Sousa, Vieirópolis e Vista Serreana. Está localizada em grande parte na bacia sedimentar do rio do Peixe. Como as demais regiões sertanejas a organização do espaço aqui também acha-se tradicionalmente ligada à produção do algodão e a criação de gado. Algumas particularidades da estrutura produtiva e do meio natural lhe conferem individualidade: em primeiro lugar, sua localização geográfica na bacia cretácea do Rio do Peixe, área bem marcada no conjunto do espaço sertanejo; e em segundo lugar, trata-se da região maior produtora de arroz do estado (em 1980 foi responsável por 42,7% do total do arroz produzido na Paraíba). Além do algodão herbáceo (produto de maior peso econômico) e do arroz e da cana-de-açúcar, a fruticultura (com destaque para a banana) e as culturas alimentares básicas fazem parte das combinações agrícolas regionais. Os açudes de Engenheiro Arcoverde (em Condado) e São Gonçalo (em Sousa e Nazarezinho) dão origem a duas importantes “áreas de exceção”, com uma organização da produção voltada para uma policultura diversificada, ainda que em decadência. Estas represas funcionam também como áreas pesqueiras e centros abastecedores de água para alguns municípios da região.

Sousa não é só o principal centro de comercialização dos produtos agrícolas como também o mais importante centro de serviços. Vale destacar a presença neste município, de uma das unidades que compõem a UFCG - Universidade Federal de Campina Grande: o Campus de Sousa.

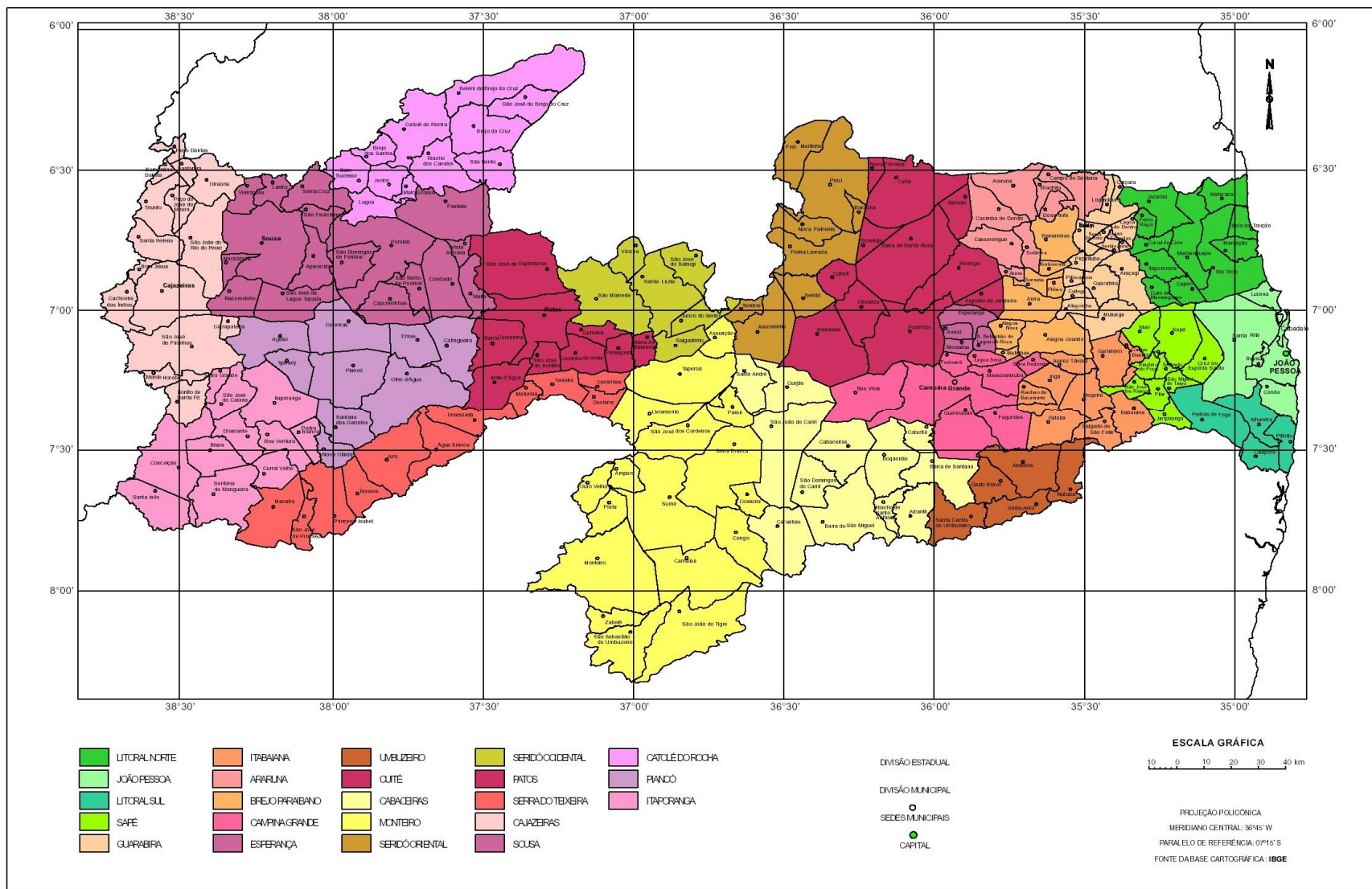
(Mapa 2 – Mesorregiões do Estado da Paraíba)

M E S O R R E G I Õ E S G E O G R Á F I C A S



((Mapa 3 – Microrregiões do Estado da Paraíba))

# M I C R O R R E G I Õ E S G E O G R Á F I C A S



### 3 - METODOLOGIA

#### 3.1 - Material e método

Como ponto de partida, foi adotado o método da pesquisa-ação, norteadas pelo equacionamento das dificuldades encontradas, acompanhando as ações e resultados embutidos no campo diante da eventualidade fenomenológica.

A metodologia empregada delineou um procedimento sistemático de investigação embasado inicialmente em um roteiro representativo das dinâmicas e realidades do estado, por isto optou-se pela metodologia da pesquisa-ação.

Neste contexto, evidencia-se que os processos de formação de profissionais e professores ligados as mais diversas áreas de conhecimento, e especificamente os da Geografia, precisam ser revistos, principalmente sob a ótica da metodologia adotada nas diversas instituições formadoras da federação. Metodologias estas, que tanto causam polêmica e discussão quando **tocam no tema da formação, tanto o bacharel quanto o licenciado, que deveriam ter a mesma formação básica, ou seja, de continuar desenvolvendo os conhecimentos mínimos que cada profissional deve ter no exercício de sua função, lembrando que o processo de aprendizagem é constante e contínuo.**

Porem, as avaliações aplicadas à epistemologia do método poderiam ser mais difundidas a fim de, transcender a barreira que decodifica os fundamentos que possibilitam e permitem a análise dos espaços e transversalidade da hermenêutica no ensino da Geografia e na formação de seus profissionais. Neste trabalho, primordialmente trabalhou-se o embasamento teórico com viés multidisciplinar sempre recorrendo ao levantamento bibliográfico e seu estudo, em seguida debates sobre: a aplicação dos conceitos, a influencia da transversalidade do tema, a organização dos roteiros, as escolha dos materiais e equipamentos a serem utilizados, a definição dos métodos de coleta, armazenamento e tratamento das informações e imagens, e por fim foi definido o modo de construção e multiplicação de trabalhos a partir do material reunido.

### 3.2 - MATERIAIS E EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

1. Filmadora profissional tipo mini – DV;
2. GPS de navegação;
3. Gravador tipo K7;
4. Gravador Sony mini K7;
5. Máquina fotográfica digital;
6. Bússola Teck de campo;
7. Bloco de anotações;
8. Computadores;
9. Veículo para transporte.

Cada trabalho científico nasce de uma idéia, de um desejo, da vontade primaria de investigar, de descobrir, de conhecer e é executado através de uma organização seqüencial que em geral conta com apoio de colaboradores e especialistas em áreas distintas.

Para a escolha metodológica das técnicas e procedimentos utilizados para aprofundar o conhecimento das ciências de um modo geral, pode-se perceber que dentro de uma visão mais abrangente, o território a ser observado é o palco de todas as inter-relações que se pretende analisar. Para tanto, faz-se apenas necessário que as Unidades Formadoras dos Profissionais e Professores possibilitem o contato com a realidade alem das informações contidas nos livros e das explicações em sala de aula.

## **4 - RESULTADOS**

### **4.1 - Aglomeração dos Dados e Obtenção dos Produtos**

Quem trabalha com ensino e aprendizagem, percebe com facilidade que a obtenção de resultados originários da prática de trabalhos de campo e da aplicação de uma metodologia coerente com a realidade local, é o fruto de um conjunto de ações realizadas transversalmente. Neste ponto foram analisados e tratados todos os dados coletados de forma a validar os resultados. Considerando que cada variável tem sua particularidade e que na verificação da convergência todas apontam para o mesmo fenômeno estas são associadas à formação do profissional e do professor de Geografia.

As informações e os procedimentos metodológicos utilizados direcionam para o caráter investigativo em ambas áreas dentro da geografia. Assim o montante informacional produzido, nada mais foi que o rendimento da aplicação metodológica adequada para estimular, compensar e principalmente fazer uma análise e interpretação mais coerente do espaço construído pelos homens e dinâmica e/ou transformações dos ambientes naturais, que quando unidos sob uma visão mais abrangente são chamados de Espaços Geográficos.

Todos os mapas, gráficos, planilhas, fotografias e as análises feitas no Trabalho monográfico: “O TRABALHO DE CAMPO E O REGISTRO DE EVENTOS NATURAIS ANÔMALOS - ESTUDO DE CASO DAS CHEIAS NO PRIMEIRO BIMESTRE DE 2004 NA PARAÍBA”, apresentado ao Departamento de Geociências da UFPB – Campus I no fim do período de 2005.2, são o resultado da aplicação de um novo conceito de formação do Geógrafo e do Professor de Geografia, assim como, um grande avanço ao estabelecer pontos de partida para o estudo que interliga a teoria a prática.

## 5 - CONCLUSÃO

Devem os profissionais, sejam eles Geógrafos e/ou Professores, entenderem que são agentes transformadores e multiplicadores do saber. Assim, o processo de formação não pode ficar enclausurado a quatro paredes, a uma combinação literária, a um quadro e um punhado de giz. É necessário e imprescindível resgatar o processo de ensino aprendizagem, através dos trabalhos de campo. A realização das atividades de campo não podem ser vistas como “um trabalho a mais” e sim, como uma ferramenta de grande valia para a formação do profissional e do professor em Geografia, a qual possibilita e amplia ainda mais a execução de projetos capazes de apresentar soluções para o desenvolvimento de um plano de ação que torne ainda melhor o que já é efetivamente realizável nas Unidades Formadoras, visando a aperfeiçoar a qualidade de vida das pessoas, dos formandos e da sociedade em geral.

Não utilizar o Espaço Geográfico como laboratório e ferramenta acessível ao profissional e o professor de Geografia, é causar um aleijão na formação do mesmo que sobre outra ótica atuará como profissional na sociedade após conclusão de sua graduação.



## REFERÊNCIAS

- REGO**, Nelson; **AIGNER**, Carlos; **PIRES**, Cláudia; e **LINDAU**, Heloisa. *Um pouco do Mundo Cabe nas Mãos – Geografizando em Educação Local e o Global, 1ª Ed.*, UFRGS Editora, Rio Grande do Sul, 2003.
- 16º RCMEC** - Ministério da Defesa, Exército Brasileiro, *Quadros de Trabalho Semanal, Cursos CFSD / CFC*, Bayeux/PB, 2002.
- BLAIRIE**, Piers; **CANNON**, Terry; **DAVIS**, Ian e **WISNER**, Ben. *Vulnerabilidad – El encuentro social, político y economico de los desastres, 1ª Ed.*, Colômbia, 1996.
- CARVALHO NETO**, João Filadelfo de, *Curso de Especialização em Ciências Ambientais – FIP, Notas de Aulas*, Cadeira de Planejamento e Gestão Ambiental - Roberto Sassi, João Pessoa/PB, 2005.
- DAVID**, César de. *Trabalho de campo: limites e contribuições para a pesquisa geográfica*. Revista *GEO*: UERJ.Rio de Janeiro: DGE/UERJ, jan.jun, 2002. n 11. p. 19-24.
- ELIAS**, Denise. *Trabalho de campo: notas teórico-metodológicas*. Revista *GEO-USP*: espaço e tempo. São Paulo: Pós-graduação em Geografia, jun. 1999. n 5. p. 97-107.
- GELZA**, Maria, R. F. de Carvalho, *Classificação Geomorfológica do Estado da Paraíba*, João Pessoa, Edt. Universitária, UFPB/FUNAPE, 1982.
- MARCOS**, Valeria de. *Relatório Final de Atividades do Projeto Integrado de Monitoria do Curso de Geografia da UFPB*, Campus I, CCEN, Geociências, João Pessoa/PB, 2005.
- MORAES**, Antonio Carlos Robert. **FERNANDES**, Flosrestan. *RATZEL Geografia*, Coleção Grandes Cientista Sociais, Editora Ática S.A. 1990.
- MOREIRA**, Emilia de Rodat Fernandes. *Mesorregiões e Microrregiões do Estado da Paraíba*. João Pessoa, GAPLAN, 1989.
- OLIVEIRA**, João Bertoldo; **JACOMINE**, Paulo Klinger. *Classes Gerais de Solos do Brasil: Guia auxiliar para seu conhecimento*. FUNEP, São Paulo, 1992.
- PARAÍBA** - Secretaria de Industria e Comercio. *Recursos Minerais da Paraíba*. CINEP. João Pessoa, 1977.
- PARAÍBA** - Secretaria de Educação. Universidade Federal da Paraíba. *Atlas Geográfico do Estado da Paraíba*. João Pessoa. Grafset, 1985.
- PARAÍBA** - *Desenvolvimento Florestal Integrado do Nordeste do Brasil: Diagnostico do Setor Florestal do Estado da Paraíba*. João Pessoa. 1994.

- PARAÍBA** - Secretaria de Educação e Cultura. Fundação Casa José de Américo. *Mapeamento Cultural da Paraíba*, 2ª Ed, João Pessoa, Edt. Grafset, 2000.
- PARAÍBA** - Departamento de Estradas e Rodagens. *Mapa Rodoviário do Estado da Paraíba*, João Pessoa, 2002.
- RAFFESTIN**, Claude. (Tradução: Maria Cecília França) *Por Uma Geografia do Poder*. Série Temas, Volume 29, Geografia e Política. Editora Ática. 1993.
- REBOLÇAS**, Aldo da Cunha, **BRAGA** Benedito, e **TUNDISI** José Galiza, *Conferencia Internacional de Água e Desenvolvimento Sustentável*, In *Águas Doces do Brasil*, 2ª Ed. Dublin, Irlanda 1992, Aldo da Cunha Rebolças, Benedito Braga, José Galiza Tundisi, Editora Escrituras São Paulo, 2002.
- RODRIGUEZ** Janete Lins, *Atlas Escolar da Paraíba: Espaço Geo-Histórico e Cultural*. João Pessoa. Grafset, 1997.
- SANTOS**, Milton. *Espaço e Método*, Coleção Espaços, Editora Nobel, 1985.
- SILVA**, Lenira Rique da, *A Natureza Contraditória do Espaço Geográfico*, Geografia, Ed. Contexto, 2001, pg. 16 e 12.
- SUDENE** – *Levantamentos Exploratório. Reconhecimento De Solos Do Estado Da Paraíba, Boletim Técnico Nº 05*. Equipe de pedologia e Fertilidade do Solo EPE Ministério da Agricultura. Divisão de Agrologia DRN Ministério do Interior. Rio de Janeiro, 1972.
- SUDENE** – Min. do Interior. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Diretoria de Planejamento Global. Departamento de Planejamento de Recursos Naturais. Grupo de Trabalho de Hidrometeorologia. **DADOS PLUVIOMÉTRICOS MENSAIS DO NORDESTE – PARAIBA**, Série *Pluviometria* – 5. Recife. Edt. Grafset, 1990.
- SUDENE** – Min. da Agricultura. *Levantamento Exploratório – Reconhecimento de Solos do Estado da Paraíba*. Rio de Janeiro, 1972.
- TCU** - Brasil, Tribunal De Contas Da União, Secretária Adjunta de Fiscalização, *Técnica de Apresentação de Dados*, Brasília, 2001.
- TRICART**, Jean. *O campo na dialética da geografia In: associação dos geógrafos brasileiros – AGB, Reflexões sobre a geografia*. São Paulo: AGB, 1980. p. 97-119.
- UFCG** - Universidade Federal de Campina Grande, **CCT** - Centro de Ciências e Tecnologia, **DCA** - Departamento de Ciências Atmosféricas, *Relatório Digital da Precipitação Mensal do Estado da Paraíba, (Período de 1991 a 1990)*, Campina Grande/PB, 1999.
- VIEIRA**, Sonia. e **ROFFMANN**, Rodolfo. *Estatística Experimental*. Edt. Atlas S.A., São Paulo/SP, 1989. pp. 34, 35 e 74.

## 11.1 - DOCUMENTOS ACESSADOS POR MEIO ELETRÔNICO.

### BANCOS DE DADOS:

#### **AESA/SEMARH/LMRS - *Monitoramento de Açudes***

em: <http://www.Paraíba.pb.gov.br>  
acessado em: 15 de Jan. 2004,  
29 de Jan. 2004,  
05 de Fev. 2004,  
15 de Jun. 2004,  
10 de Dez. 2004.

#### **IDEME - *Anuário Estatístico Digital, Ano 2001.***

em: <http://www.paraiba.pb.gov.br>  
acessado em: 12 de Jun. 2005,  
14 de Out. 2005.

#### **MRE - Ministério das Relações Exteriores do Brasil, *CD - Brasil 2005.***

em: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/>.  
acessado em: 25 de Nov. 2005.

#### **PIB PARAIBA - SECOM - *PIB da Paraíba***

em: <http://www.secom.pb.gov.br/index.shtml>  
acessado em: 05 de Dez. 2005.

### REPORTAGEM:

#### **Revista Turismo, *Matérias Especiais: Visita Técnica*, Outubro 2004.**

em: <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/>  
acessado em: 15 de Out. 2004.